

## MENSAGEM DO DIRETOR

"Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas, todas as manhãs, vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz [...]. Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim."

(Cecília Meireles)

Vamos chegando rapidamente à metade do ano civil. Abre-se o mês das festas juninas, com os tradicionais festejos em honra de Santo Antônio, São João e São Pedro. Em breve, fecharemos o primeiro semestre letivo do ano em curso. Já temos um novo Papa, nascido nos Estados Unidos, missionário no Peru, religioso agostiniano, que escolheu o nome de Leão XIV, fazendo memória de seu predecessor, Leão XIII, quem, com sua encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 15 de maio de 1891, marcou gerações, começando, corajosamente, o que se convencionou chamar de Doutrina Social da Igreja.

A escolha de um Papa e consequentemente do nome que ele vai adotar em seu ministério à frente da Igreja, para além de toda especulação existente, fala muito do que podemos esperar, segundo o resgate que se quer fazer. E isso o próprio Leão XIV já evidenciou nos primeiros dias, falando aos cardeais e à imprensa. Aliás, desde sua aparição no balcão da Basílica de São Pedro, saudando todo o povo presente com sua bênção, no dia 8 de maio último, tem sido evidente sua preocupação com temas relacionados à paz, frente a tantas guerras mundo afora e à necessidade de uma ordem social justa, em vista da crescente degradação da dignidade das relações humanas – temas presentes na *Rerum Novarum*, de seu predecessor. Contra tudo isso, ecoou forte seu apelo: “o mal não prevalecerá!”.

Além disso, não foram poucas as vezes em que se ouviram referências, nas primeiras palavras de Leão XIV, ao Papa Francisco, recentemente falecido, ao lado de quem o novo Pontífice parece colocar-se, disposto a seguir o caminho da sinodalidade, isto é, as inúmeras práticas de discernimento conjunto, desenvolvidas com todo o povo de Deus; ainda que o novo Papa já tenha demonstrado personalidade própria, pelo modo como se apresentou, até pelo vestuário utilizado, quando de sua primeira aparição. É bom que saibamos acolhê-lo como Pastor! Afinal, foi emocionante ver como ele quis abençoar o povo de sua Diocese de Chiclayo, no Peru, falando a eles em língua espanhola, encorajando suas ovelhas e agradecendo pelo tempo passado junto daquele rebanho.

Nesses últimos dias, em que vamos terminando o Tempo Pascal, depois dos quarenta dias de presença do Ressuscitado no nosso meio, animando os discípulos, vamos celebrar de 1º a 8 de junho a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, que une duas importantes Solenidades da Igreja – a Ascensão do Senhor e Pentecostes. É, portanto, tempo favorável para pedir os dons e frutos do Espírito Santo, que anima a vida da Igreja, dando-lhe, sobretudo a cada um de nós: a Sabedoria, o Entendimento, o Conselho, a Fortaleza, a Ciência, a Piedade e o Temor de Deus. Tudo isso nos ajudará a voltar ao Tempo Comum, quando vamos vivendo, como Igreja, povo de Deus a caminho, a salvação operando no comum dos dias...

Aliás, isso é cuidar e “ajudar torna a vida espiritual”, como dirá o Padre Darío Mollá, SJ. Se tentarmos viver a vida com sentido de humanidade profunda, como nos tem sinalizado o Papa Leão XIV, experimentaremos, logo, a dificuldade que supõe estarmos inteiros, sob a pressão que deriva da quantidade de atividades que temos e das múltiplas e simultâneas responsabilidades que comprometem o ritmo de nossas vidas. E se a pessoa desejar cuidar das dimensões mais interiores de sua vida, a dificuldade aumenta.

Por outro lado, como espiritual é a totalidade de uma vida animada pelo Espírito, o desafio, nesse sentido, é propor a integração dos diversos elementos (dimensões) que nos compõem, mesmo antes de começar um processo de ajudar os demais. Integrar, nessa perspectiva, é marcar um horizonte claro e concreto no projeto pessoal de vida que temos. Conferir um sentido e uma direção, dar-lhe qualidade e possibilitar uma inter-relação entre as atividades, o particular e o universal, o pessoal e o institucional etc. Ver o global sem perder a perspectiva do concreto; afrontar a aridez das lutas estruturais sem perder a sensibilidade para cada drama ou alegria pessoal. Integrar não é fazer mais, mas fazer na mesma direção; não é somar tudo, mas escolher em função do horizonte proposto.

Vale lembrar, por isso, que ajudar, na perspectiva inaciana, é o horizonte e a chave de um processo de integração. Ajudar coloca em jogo e em relação todas as dimensões da nossa vida. Ajudar permite a integração entre ação e contemplação, serviço para e com os demais, além do cuidado de nossa qualidade de vida; ambição em nossas metas e humildade em nosso modo de proceder e situar-nos.

O começo do itinerário está, pois, em transformar o fazer em ajudar. Como, então, podemos transformar nosso fazer, tão plural e variado, nossas ações diárias, numa ajuda com sentido, segundo o que estamos propondo e, ainda assim, integrar nossas melhores forças e nossos dons? Sem dúvida, o que mais tem sentido em nossas vidas não é jamais o fazer em si, mas como o vivemos. Por isso, em primeiro lugar, que o nosso fazer esteja atravessado pelo olhar, pela escuta, pela atenção e pela contemplação da pessoa do outro e de suas necessidades.

Que não seja simplesmente a aplicação de um plano ou de um esquema previamente estabelecido, pensado a partir de nós mesmos. Se assim for, mediremos os resultados em função de se eles se ajustaram ou não ao nosso plano e medida, não em função de como os outros podem crescer como pessoas. Ajudar pressupõe dar a outra pessoa, a suas necessidades, o protagonismo na intenção e na ação.

A segunda dinâmica imprescindível é a atitude do examinar-se: atitude interior de busca e uma atitude exterior de dinamismo e renovação constante. Se vamos ao encontro do outro com um plano preestabelecido, uma vez aplicado, não temos mais o que fazer. Parece importar pouco o processo feito. Cumprimos uma obrigação? Fazemos o de sempre?!

A prioridade é, pois, uma cultura do cuidado e uma atenção aos demais. Isso exige de nós (e nos dispõe) a pensar, a inovar, a propor de novo, a mudar... porque, na vida, nada é estático. Se atendemos apenas os nossos interesses, tendemos a ficar sempre como estamos e nos resguardamos e nos defendemos frente às exigências da vida. Nossa fazer se converte em ajudar à medida que ganhamos em gratuidade.

Gratuidade é não fazer da outra pessoa uma desculpa para chegar a mim mesmo, mas fazer do outro e do bem do outro o ponto de chegada. Também é não buscar nem gerar dependências afetivas, mas ajudar que o outro cresça em liberdade. É empenhar-se e esforçar-se e ser perseverantes quando os limites e as deficiências daqueles por quem nos esforçamos diminuem o brilhantismo e a eficácia de nossa ação. A colaboração com outros propicia, ainda, maior alcance e ajuda-nos a não nos situarmos como os donos da questão, mas como os que servem.

Em suma: cuidado, atenção, escuta, contemplação, exame, revisão, discernimento, gratuidade, relativização de si, abnegação e sentido de pertença. Essas são atitudes vitais e modos de nos situarmos diante de nós mesmos, dos outros, diante da vida. Compõem, por assim dizer, um respeito profundo a cada pessoa, a quem ajudamos ou não, em toda a sua dignidade, para além dos seus limites e condicionamentos. Atitudes assim só são possíveis graças a um olhar atencioso e contemplativo, além de uma relação pessoal que, por não ser soberba, permite que a outra pessoa se revele e se manifeste, com toda a sua densidade de pessoa.

Estamos diante de um tempo novo, é certo. Tempo de abrirmos um novo Espaço... E ajudar vai na linha da proposição, não da imposição! Proposições com qualidade, com rigor, com convicção, com honestidade, com proximidade, com compromisso pessoal e eclesial. De modo que a proposta possa ser aceita ou não. Isso parte da escuta recíproca e dos processos de acompanhamento. É sumamente importante que haja diálogos de liberdade. Diálogo de vida, de ação, da própria experiência vital reconciliada e restaurada, que deve preceder o intercâmbio de ideais ou de doutrinas. São muitas as fronteiras pessoais e sociais que temos de atravessar, não sem medo ou sem perda de seguranças adquiridas; não sem críticas ou dificuldades com aqueles que optam por permanecer no lugar de onde nós saímos; não sem conflitos com aqueles que se sentem incomodados com a mudança.

Por fim, ao terminar o mês de maio, o novo Papa nos anima: “Juntos reconstruiremos a credibilidade uma Igreja ferida, enviada a uma humanidade ferida, dentro de uma Criação ferida. Não somos ainda perfeitos, mas é necessário sermos credíveis. O amor de Cristo, de fato, nos possui. É uma posse que liberta e que nos torna capazes de não possuir ninguém. Libertar, não possuir. Somos de Deus: não há riqueza maior a ser valorizada e partilhada. A única riqueza que, compartilhada, se multiplica. Queremos juntos levá-la ao mundo que Deus tanto amou a ponto de dar seu único Filho”. Sigamos juntos! Que Nossa Senhora da Estrada nos abra os caminhos e nos seja doce companhia! Assim seja!



P. André Araújo, SJ

Diretor-Geral



Rede Jesuíta de Educação



Rede Jesuíta de Educação